



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL (CENTRO)**

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RACISMO NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DA OBRA *O MULATO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO**

Acadêmicas:

Camille Bossle
Gabriela Rahn
Isabelle Leite
Ketlin Matos
Lara Leão
Thamyres Lemes

Orientador:

Gustavo Kern

**Jaraguá do Sul
Novembro de 2018**

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RACISMO NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DA OBRA *O MULATO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO**

**Camille Bossle
Gabriela Rahn
Isabelle Leite
Ketlin Matos
Lara Leão
Thamyres Lemes**

Projeto de Pesquisa do Curso Técnico em Modelagem do Vestuário (Modalidade Integrado), apresentado para o Projeto Conectando Saberes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

SUMÁRIO

1 TEMÁTICA DA PESQUISA.....	4
1.1 Tema.....	4
1.2 Delimitação do tema.....	4
2 JUSTIFICATIVA.....	4
3 OBJETIVOS.....	5
3.1 Objetivo geral.....	5
3.2 Objetivos específicos.....	5
4 PROBLEMA DE PESQUISA.....	5
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	5
5.1 Raça, racismo e escravidão no Brasil.....	5
5.2 Relações entre literatura e história.....	8
5.3 Escravidão e racismo em <i>O Mulato</i>	10
6 METODOLOGIA.....	13
7 HIPÓTESES.....	14
8 CRONOGRAMA.....	14
9 REFERÊNCIAS.....	16

1 TEMÁTICA DA PESQUISA

1.1 Tema:

O racismo no Brasil

1.2 Delimitação do tema:

Relações étnico-raciais e racismo na obra literária *O Mulato*, de Aluísio Azevedo.

2 JUSTIFICATIVA

O presente Projeto de Pesquisa, que tem como tema o fenômeno social do *racismo* no Brasil, tomará como foco a análise da obra literária *O mulato*, de Aluísio Azevedo. Este projeto tem como propósito realizar, através da análise da referida obra, uma reflexão sobre os inúmeros problemas que o Brasil vem enfrentando com relação ao preconceito racial, ao longo de sua história. O texto de Azevedo será adotado como objeto de estudo, pois permite problematizar a história da escravidão no Brasil e suas consequências para a constituição de uma sociedade hierárquica do ponto de vista de suas relações étnico-raciais. Desse modo, a pesquisa pretende desenvolver uma consciência crítica sobre a temática do racismo em nosso país, ampliando a compreensão sobre as questões étnico-raciais contemporâneas e buscando promover valores voltados ao combate do preconceito racial em suas diferentes formas de expressão.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral:

- Compreender de que modo o racismo e as hierarquias raciais se constituíram historicamente na sociedade brasileira, através da análise da obra literária *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo.

3.2 Objetivos específicos:

- Identificar a forma como os afro-brasileiros são representados em *O Mulato*.
- Caracterizar as relações étnico-raciais entre os personagens da obra *O Mulato*.
- Analisar como Aluísio Azevedo formula uma crítica às hierarquias étnico-raciais presentes na sociedade brasileira em meados do século XIX.

4 PROBLEMA DE PESQUISA

De que modo o racismo e as hierarquias étnico-raciais constitutivas da sociedade brasileira estão presentes na obra literária *O Mulato*?

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 Raça, racismo e escravidão no Brasil

O conceito de raça, que tem origem no termo italiano *razza*, se afirmou enquanto conceito científico no âmbito da biologia, campo de saber que surgiu na passagem do século XVIII para o século XIX, sendo utilizado para denominar as variações observáveis

no interior de uma mesma espécie. Uma vez imposta como critério básico de classificação social universal da população mundial, de acordo com a ideia moderna de raça foram distribuídas as principais novas identidades sociais e culturais do mundo. O naturalista Carl von Linné (1707-1778), por exemplo, dividiu o grupo *homo* em quatro tipos básicos:

“(1) *Europaeus albus*: engenhoso, inventivo; branco, sanguíneo. É governado por meio de leis. (2) *Americanus rufus*: contente com sua sorte, amante da liberdade; moreno, irascível. É governado pelos costumes. (3) *Asiaticus luridus*: orgulhoso, avaro; amarelado, melancólico. É governado pela opinião. (4) *Afer niger*: astuto, preguiçoso, negligente, negro, fleumático. É governado pela vontade arbitrária de seus senhores” (LINNÉ *apud* HOFBAUER, 2006, p. 104).

Já Georges Buffon (1707-1788) Buffon, foi além, buscando classificar o resultado do cruzamento das diferentes variedades humanas:

[...] (1) de um negro e de uma mulher branca nasce um mulato meio negro meio branco, com cabelo longo. (2) do mulato e da mulher branca provém o ‘quarteirão’, marrom, com cabelo longo. (3) do quarteirão e de uma mulher branca descende o ‘oitavão’, menos marrom que o quarteirão. (4) do oitavão e de uma mulher branca vem uma criança perfeitamente branca (BUFFON *apud* HOFBAUER, 2006, p. 110).

Em meados do século XIX já haviam diversos métodos para se delimitar as raças humanas. O termo raça começava então a fazer parte do vocabulário corrente dos homens de ciência europeus, tornando-se noção paradigmática usada para conceituar grupos humanos. O anatomista escocês Robert Knox (1791-1862), em seu *As Raças Humanas* (1850), chegou a afirmar que “Raça é tudo: a literatura, a ciência, a arte – numa palavra, a civilização – dependem dela” (*apud* HOFBAUER, 2006, p.125).

A cor da pele, assim como outras características corporais externas, são fatores biológicos que estão inscritos no código genético de cada pessoa. O equívoco das teorias raciais do século XIX foi sustentar que tais fatores biológicos, sobretudo a cor da pele, determinariam as funções sociais e os comportamentos biológicos dos indivíduos e grupos humanos. Como demonstrou o antropólogo Franz Boas (*apud* HOFBAUER, 2006, p.137), já na primeira metade do século XX, a constituição étnico-racial de um grupo humano não tem “influência diretiva sobre o curso de do desenvolvimento da cultura”. Desse modo, uma das mais problemáticas consequências desse tipo de classificação

racial dos grupos humanos são suas implicações para a criação de hierarquias sociais, nas quais uma dada sociedade separa e diferencia os indivíduos tendo como fundamento a cor da pele, ou seja, o racismo.

O racismo tem muito em comum com a raça, pois não é possível falar de racismo sem falar da herança das teorias raciais que tomavam o conceito de raça, equivocadamente, como um conceito científico. Segundo Nei Lopes (2007), o racismo pode ser compreendido tem como a crença na existência, justamente, de grupos raciais humanos naturalmente hierarquizadas, em uma relação entre as características físicas (biológicas) e culturais (intelectuais, psicológicas). Em geral, o racismo opera definindo determinado grupo social inferior ou superior em função de seus traços físicos, dos quais decorreriam sua cultura, linguagem, religiosidade, etc.

Na origem do racismo, observa-se também opera sobre o indivíduo racista, que mobiliza uma certa idealização de si mesmo para desvalorizar a pessoa ou o grupo que ele considera inferior: “O racismo, então, é antes de tudo a expressão de desprezo por uma pessoa” (LOPES, 2007, p. 20). No Brasil o racismo é fenômeno estrutural, o que se revela através do vínculo pertencimento étnico-racial e classe social. Na medida em que “existem várias formas e manifestações de racismo, desde o preconceito, que é apenas um julgamento e passando para a discriminação, que é a forma de tratamento desigual” (LOPES, 2007, p.15), não é difícil perceber como a sociedade brasileira tem como uma de suas bases a discriminação étnico-racial. Como afirma Nei Lopes “O Brasil é, então, sem dúvida, um país racista, onde os negros são mais pobres porque são negros” (LOPES, 2007, p.175).

O racismo brasileiro, por sua vez, tem sua origem no sistema escravista que perdurou desde a colonização portuguesa até 13 de maio de 1888, quando enfim ocorreu a abolição da escravatura. A escravidão estava tão estabelecida na sociedade brasileira que esse sistema de exploração da mão-de-obra dos africanos escravizados e seus descendentes só começou a se tornar algo inaceitável, para setores dominantes que aderiram ao abolicionismo, após a Guerra do Paraguai (1864-1870). Mesmo que a luta antiescravagista tenha sido uma constante na história social brasileira, o sistema escravagista criado pelos portugueses trouxe para o Brasil cerca de 4 milhões de

africanos (CARVALHO, 2012). A escravidão, portanto, constituiu o fundamento da formação nacional do país:

No Brasil não havia como fugir da escravidão. Se é verdade que os escravos se distribuíam de maneira desigual pelo país, é verdade também que havia escravos no país inteiro, em todas as províncias, no campo e nas cidades (CARVALHO, 2012, p.48).

As consequências disso foram duradouras para a população negra, principalmente em função do racismo decorrente da dinâmica social herdada dos tempos da escravidão. Até os dias atuais essa população ocupa posição muito inferior em todos os indicadores de qualidade de vida: emprego, saúde, educação, etc. Desse modo, as consequências da escravidão não só atingiram os negros, mas representa um prejuízo para a toda sociedade brasileira. Esse debate sobre raça, racismo e escravidão no Brasil, que deverá ser aprofundado no desenvolvimento da pesquisa, será fundamental para podermos compreender a presença destes elementos no enredo de *O mulato*.

5.2 Relações entre literatura e história

A narrativa histórica é sempre uma representação do passado. Essa narrativa, quando conhecimento científico, é construída através da análise de fontes documentais utilizadas para produzir os saberes sobre a história. Pode-se afirmar que, em determinadas circunstâncias, os estudos literários e historiográficos se aproximam, principalmente quando a narrativa literária alcança alto grau de realismo histórico – como, aliás, é o caso da narrativa desenvolvida por Aluísio Azevedo em *O mulato*. De modo que as narrativas, sejam históricas ou literárias, constroem uma representação acerca da realidade. Valdecir Borges (2010, p. 96), na trilha do historiador francês Roger Chartier, afirma que:

Todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua

escrita”.

No universo amplo dos bens culturais, a narrativa literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha de uma época, exprimindo as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, pensamentos, práticas, inquietações, expectativas, esperanças, os sonhos e outras questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e em cada tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos de uma determinada época, abordando o conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. A narrativa literária é, portanto, constituída a partir do mundo social e cultural, mas também o constitui. Desse modo, faz-se registro, leitura e interpretação do que existe e proposição do que pode existir, evidenciando a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico.

Uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos. Ela deve considerar que o “mundo do texto”, usando os termos de Ricoeur, é um mundo de objetos e de performances cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido. (CHARTIER *apud* BORGES, 2010, p. 100).

Para Chartier (*apud* BORGES, 2010, p. 99), portanto, a literatura não é somente uma reflexão sobre o que existe, pois pode ser também projeção do que poderá vir a existir. Ela registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Trata-se de um tipo de registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular.

Sendo assim, no que diz respeito aos interesses da presente investigação, importa perceber que o discurso literário resulta de uma reflexão e se constitui em uma mediação social, tal como se passa com a narrativa histórica. A utilização de textos literários como fonte para estudos históricos ganha maior dimensão quando os estudos tratam da modernidade. Em nossa análise da obra *O mulato*, produzida justamente num momento de modernização da narrativa literária nacional, nas últimas décadas do século XIX,

utilizaremos a literatura como objeto de estudo. Mais particularmente, utilizaremos o clássico de Aluísio Azevedo como fonte documental para a compreensão da história do racismo no Brasil. Seguiremos, neste sentido, a proposição nascida campo da história da literatura, na qual procura-se abordar a historicidade “por detrás” da obra literária, analisando conjuntamente a forma, o conteúdo e as ideias envolvidas na produção da narrativa literária. Trata-se, no desenvolvimento da pesquisa, de mobilizar a literatura como objeto da análise histórica em busca do que Chartier (*apud* Borges, 2010, p. 99) chamou de “efeito de realidade” que a narrativa literária pode oferecer à narrativa histórica.

5.3 Escravidão e racismo em *O Mulato*

Aluísio Azevedo foi um romancista brasileiro que nasceu em 14 de abril de 1857, na cidade de São Luís do Maranhão e faleceu em Buenos Aires (Argentina) em 1913. As histórias criadas por Azevedo abordam temas como a sociedade escravocrata e realidade da sociedade brasileira de sua época. Dessa maneira podemos perceber que com seu olhar particular ele poderia estar ou não de acordo com muitos outros autores que vivenciaram as problemáticas de seu tempo. A obra *O Mulato*, publicada em 1881, foi fortemente marcada pela corrente literária naturalista, na qual o ambiente, o cenário da obra e a construção das personagens compõem um enredo no qual restam evidentes o preconceito racial do qual a população negra era vítima na época.

A obra literária narra a história de Raimundo, filho natural do comerciante português José da Silva com sua escrava Domingas. O personagem principal, ainda criança, é entregue por seu pai aos cuidados do tio, o também comerciante Manoel Pescada. O objetivo de José foi livrar o garoto dos maus tratos de sua esposa, Dona Quitéria Santiago, que ao observar a aproximação entre José e o filho de Domingas ameaçava castigar mãe e filho. Com a morte precoce de José, Raimundo é logo enviado por tio para viver e estudar em Portugal. Anos mais tarde, formado bacharel em direito por Coimbra, Raimundo regressa a São Luís para vender suas terras e liquidar sua herança. Além disso, como saíra ainda muito criança da província maranhense,

alimentava o desejo de conhecer sua verdadeira identidade e, sobretudo, quem realmente era sua mãe.

A escravidão e o racismo encontram-se muito presentes na trama, principalmente na medida em que ela desenrola em torno de um “romance impossível” entre Raimundo e sua prima Ana Rosa, filha Manoel Pescada. No decorrer da história a menina tem a certeza de que o único homem que ama é o mulato Raimundo, que nascera escravo e recebera sua alforria no batismo. A família de Ana Rosa, como parte da elite em uma sociedade escravocrata, não aceita a relação amorosa, pois mesmo que Raimundo tivesse posses, educação requintada e formação intelectual superior, sua origem o impedia de conquistar a benção de seu tio, impossibilitando o casamento com a prima. O pai de Ana Rosa quer que a filha se case com Dias, um português que era seu empregado de maior eficiência e confiança, mas que causava asco em Ana Rosa devido a sua aparência e postura de submissão. Dias era fechado e seu maior desejo era enriquecer não lhe importava como, uma vez que fazia tudo o que fosse necessário para chegar o mais rápido possível ao objetivo maior de sua vida.

O autor termina a obra apresentando o triunfo do mal, com o casamento de Ana Rosa com Dias, assassino de Raimundo. Apesar da reprovação da família ao casamento de Raimundo e Ana Rosa, o casal decide fugir da província, porém fatalmente seus planos de fuga são descobertos e o mulato se torna autor de crime contra a honra de Manoel Pescada. Não que o autor fosse a favor de casamentos arranjados pelas famílias, pois isso era algo comum na época, também não significa que ele era condizente com a atitude de Dias. Segundo Diniz (2008), de acordo com as características do romance naturalista, Aluísio desenvolve sua narrativa demonstrando como o ambiente pernicioso da São Luís e a descoberta de sua origem escrava de Raimundo conduzissem o personagem principal para a desestabilização psicológica e a conseqüente perdição. A crítica social de *O mulato* tem por pressuposto, de certa forma, a crença de que uma mazela poderia ser um fator essencial para que a sociedade viesse a se racionalmente autocorrigir.

Em *O Mulato*, como buscaremos abordar no desenvolvimento desta pesquisa, percebe-se que alguns personagens falam do negro como uma pessoa inferiorizada. Segundo Diniz (2008), a questão racial passava a ser alvo de discussões em diversas

áreas da sociedade, inclusive em obras literárias, como vemos na obra de Aluísio Azevedo o agir dos personagens, de sua significação e de possíveis contradições na trama do romance. Ainda segunda a mesma autora, Domingas, Mônica, Benedito e outros personagens que tinham em comum a condição escrava são personagens secundários e, em muitos momentos foram meros figurantes na trama do romance *O Mulato*, chegando a ser “distinguidos” pelo autor com nomes, enquanto outros personagens escravos ou libertos aparecem apenas com codinomes do tipo “mulata gorda”, “inhá compadre”, “preto velho” (DINIZ, 2008, p. 61).

Embora não se restrinja aos temas da escravidão e do preconceito racial, eles aparecem como centrais na medida em que se trata de uma crítica direta ao modo como funcionava a sociedade brasileira na segunda metade do século XIX. Uma vez que se tratava de uma sociedade escravocrata, Aluísio tenta chamar a atenção da população como um todo para com os problemas sociais que existiam na sociedade racialmente hierarquizada da época (DINIZ, 2008). O autor também deixa evidente o tratamento recebido pelas pessoas de diferentes tipos étnico-raciais dos portugueses e da classe superior local. A população negra, particularmente, é objeto das descrições do autor, sendo que as personagens negras da trama aparecem com um misto de imoralidade e fidelidade, quanto mais próximas estão do mundo branco. Segundo Diniz (2008, p. 15):

A obra *O Mulato* descreve com minúcias os hábitos e costumes da elite maranhense: os escravos e sua significação para a sociedade da época são representados através desse olhar. Seus benefícios e malefícios, para o autor, estão associados a uma ideia almejada de civilização, à moda europeia, que até poderia incorporar os mulatos, desde que estes se identificassem e se adequassem ao mundo dos brancos, para se tornarem dignos de um lugar na sociedade.

Diante do que foi discutido até aqui, acreditamos que a trama de *O mulato*, na qual os temas da escravidão e do preconceito racial estão presentes, pode servir como objeto de estudo para a compreensão da origem histórica do racismo no Brasil, temática geral de nossa pesquisa.

6 METODOLOGIA

Do ponto de vista de sua metodologia, a presente pesquisa possui um caráter qualitativo, valendo-se da análise bibliográfica e documental para problematizar e interpretar, tendo em vista a temática geral da pesquisa, a narrativa literária de *O mulato*. A pesquisa qualitativa propicia uma certa liberdade na análise, possibilitando assumir várias posições diversas sobre um mesmo objeto de estudo, não exigindo a aceitação de uma única resposta na interpretação de uma determinada obra. Além disso:

A pesquisa qualitativa, portanto, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos (DALFOVO et, 2008, p. 7).

Trata-se, neste sentido, de uma pesquisa bibliográfica e documental, na qual escolhemos a obra de Aluísio Azevedo para discutir a origem histórica do racismo no Brasil. A pesquisa bibliográfica é feita tendo como base documentos, boletins, livros, revistas, jornais, etc. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com tudo aquilo que já se foi escrito sobre aquele determinado assunto, principalmente com o debate acadêmico. Devemos, no transcorrer da investigação, aprofundar a pesquisa bibliográfica até aqui realizada.

Também devemos avançar, na medida em que é o centro da investigação, sobre a análise documental da narrativa literária de *O mulato*, interpretando-a tendo em vista os objetivos de pesquisa e o problema de pesquisa propostos anteriormente. Para tanto, nos parece necessário realizar os seguintes procedimentos metodológicos: 1) aprofundar a pesquisa bibliográfica, para adensar a fundamentação teoria até aqui desenvolvida; 2) continuar a leitura individual e a discussão coletiva de *O mulato*, no formato de seminário, no âmbito do grupo de pesquisa; 3) produzir um minucioso fichamento de leitura de *O mulato*; 4) realizar uma seleção das passagens da obra que possam ser do interesse direto da presente pesquisa; 5) desenvolver a análise da obra a partir das passagens selecionadas.

7 HIPÓTESES DE PESQUISA

- O racismo é um fenômeno social grave na sociedade brasileira contemporânea, todavia poderemos desenvolver uma leitura crítica a seu respeito se compreendermos sua história, da qual a trama de *O mulato* é testemunho na qualidade de obra literária.

- A forma como a história do Brasil foi construída e difundida, inferiorizando sujeitos e grupos sociais, bem como naturalizando o preconceito étnico-racial, impedindo a formação de uma sociedade igualitária e perpetuou uma variedade de discriminações, como é possível demonstrar através da análise de *O mulato*.

- Problematizar as relações étnico-raciais e o racismo, promovendo reflexões acerca destas temáticas, como tentaremos fazer estudando *O mulato*, é também uma forma de luta contra os efeitos nocivos do preconceito étnico-racial.

8 CRONOGRAMA

ETAPAS	Fev/19	Mar/19	Abr/19	Ma/19	Jun/19	Jul/19	Ago/19	Set /19	Out/19	Nov/19	Dez/19
Levantamento bibliográfico	X	X	X	X	X	X					
Fichamento de textos	X	X	X	X	X	X					
Revisão da fundamentação teórica	X	X	X	X	X	X					
Leitura individual e discussão coletiva de “O mulato”	X	X	X	X	X	X					
Fichamento da obra	X	X	X	X	X	X					
Seleção de passagens de “O mulato”				X	X	X	X	X			

9 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. São Paulo: Editora Ática (Série Bom Livro), 1992.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. *Revista de Teoria da História* Ano 1, Número 3, junho/ 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. “Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico”. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DINIZ, Leudjane Michelle Viegas. **Nas linhas da literatura: um estudo sobre as representações da escravidão no romance O mulato, de Aluísio Azevedo**. Universidade Federal de Uberlândia/Programa de Pós-Graduação em História (Dissertação de Mestrado). Uberlândia, 2008.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora da Unespe, 2006.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

_____. **O racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.